

XXV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - XXV ENANCIB

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

BIBLIOTERAPIA: UMA AÇÃO INFORMACIONAL FUNDAMENTADA NA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

BIBLIOTHERAPY: AN INFORMATIONAL ACTION BASED ON INFORMATION MEDIATION

Pamela Oliveira Assis – Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Raquel do Rosário Santos – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: a informação é elemento fundamental na vida dos sujeitos, é o acesso a ela que subsidia as decisões que serão adotadas em suas rotinas. A mobilização que o processo informacional provoca, às vezes, não é realizada apenas pelo acesso à informação, é preciso haver uma mediação consciente. A biblioterapia é uma ação que demanda essa conscientização por parte de seus agentes, tendo sua interferência norteadas pelo caráter informacional. Portanto, esta comunicação, teve como objetivo evidenciar os vestígios na literatura da Ciência da Informação, que caracterizam a biblioterapia como uma ação informacional. Para tanto, metodologicamente, este estudo, de caráter descritivo e método bibliográfico, utilizou fontes nacionais e internacionais para demonstrar o entrelace da biblioterapia com a mediação da informação e suas dimensões. Os resultados indicam características essenciais para a efetividade da ação terapêutica fundamentada no agir informacional, por exemplo, a busca por suprir as necessidades informacionais, o cuidado, o apoio na apropriação da informação, demonstrando que no campo da Ciência da Informação, a biblioterapia revela-se como uma ação mediadora especializada que apoia a transformação dos sujeitos.

Palavras-chave: biblioterapia; mediação da informação; dimensões da mediação da informação.

Abstract: information is a fundamental element in people's lives; it is access to information that supports the decisions adopted in their daily routines. The mobilization triggered by the informational process is not always achieved solely through access to information, it means that there must be a conscious mediation. Bibliotherapy is an action that requires this awareness from its practitioners, with its impact guided by its informational nature. Therefore, this paper aims to highlight traces in the literature of Information Science that characterize bibliotherapy as an informational action. Methodologically, this descriptive study, using a bibliographic method, draws on national and international sources to demonstrate the interconnection between bibliotherapy and information mediation and its dimensions. The results indicate essential characteristics for the effectiveness of therapeutic action grounded in informational practices, such as the effort to meet informational needs, care, and support in the appropriation of information. These findings show that, in the field of Information Science, bibliotherapy emerges as a specialized mediating action that supports the transformation of subjects.

Keywords: bibliotherapy; information mediation; dimensions of information mediation.

1 INTRODUÇÃO

Ao refletir acerca do processo informacional que mobiliza e permite um olhar mais crítico do sujeito, compreende-se como necessária a presença de um mediador, desenvolvendo atividades e adotando dispositivos informacionais que possam incentivar essa inquietação nos sujeitos. A mediação da informação está presente no agir dos bibliotecários, entre outros profissionais da informação, trata-se de uma interferência entre sujeitos fundamentados pela informação. Mas não qualquer informação, e sim a que responde às necessidades e curiosidades desse ser social. Além disso, ressalta-se que esse agir não é mecânico, mas consciente e ético, no qual o profissional medeia e possibilita o encontro do sujeito com a informação que o apoiará em seu agir singular e coletivo.

É pensando nesse agir ético e consciente do mediador que se entrelaça a mediação da informação com o ato de cuidar. Existe o cuidado e a atenção desse profissional em atender o outro naquilo que ele demanda, orientando e trazendo confiança para que esse sujeito possa desempenhar seu papel social. Desse modo, rememora-se a biblioterapia, uma ação compreendida enquanto uma mediação especializada da leitura que, pautada nas categorias da mediação da informação, promove o bem-estar e a ressignificação do sujeito.

Assim, esta comunicação, recorte da dissertação construída no âmbito do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, objetiva evidenciar os vestígios na literatura da Ciência da Informação, que caracterizam a biblioterapia como uma ação informacional. Para isso, a metodologia adotada foi o estudo descritivo, tendo como método a pesquisa bibliográfica e a análise de conteúdo de conceitos de biblioterapia recuperados na Ciência da Informação.

Quanto à fundamentação teórica, foram utilizados os estudos de Le Coadic (1996) e Gomes (2020), com relação à informação; Almeida Júnior (2015) e Gomes (2014, 2016, 2020, 2024) referente à mediação da informação; e, por fim, Alves (1982), Pereira (1996) e Wootton (2017) para falar sobre biblioterapia. Tais reflexões são apresentadas na próxima seção.

2 O ENTRELACE DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E DA BIBLIOTERAPIA

A informação é uma instância essencial na vida dos sujeitos, é o acesso a ela que subsidia as atitudes e decisões que serão adotadas em suas rotinas. Além disso, é com o ato de informar-se que os sujeitos podem responder e formular inquietações que os levem ao conhecimento sobre algo. Mas afinal, o que seria informação? Conforme o dicionário, é “o

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

conhecimento obtido por meio de investigação ou instrução [...]” (Informação, 2025). Essa definição reafirma o que foi dito anteriormente, uma vez que, por meio da informação, os sujeitos adquirem novas percepções sobre o que já conheciam, aprendem novos caminhos e conquistam conseqüentemente o repertório necessário para amparar sua atuação enquanto sujeito social.

No entanto, compreende-se que essa seja uma ação impulsionada pelas demandas e curiosidades que o sujeito tem de saber mais a respeito de algum assunto ou sobre alguma pessoa. Desse modo, o acesso à informação não será suficiente para tocar o sujeito, caso ele não esteja disposto e interessado em aprender, o que, conseqüentemente, dificulta o processo de apropriação e transformação dessa informação em conhecimento. Portanto, informar-se requer uma análise sobre a própria subjetividade, sentimentos e interesses, visto que somente conhecendo a si o sujeito será capaz de identificar o que ele precisa.

No que tange à Ciência da Informação, nota-se que o conceito de informação deixou de ser visto apenas da perspectiva material, para ser observado também do âmbito cognitivo, como algo que existe materialmente e está na mente das pessoas. Nesse sentido, Gomes (2020) defende que a informação é o conhecimento em estado de compartilhamento, lembrando que essa instância está disponível em diferentes formatos e contextos, não necessariamente relacionados à fisicalidade, mas por linguagens diversas que permitem o acesso, o uso e a reflexão dessa.

Há ainda Le Coadic (1996) que indica a informação como um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou digital), oral ou audiovisual, tal percepção permite que se associe o ato de informar-se às atividades desenvolvidas pelos usuários da informação. Entende-se que, ao pesquisar, debater com seus pares, refletir e se apropriar da informação, os sujeitos possuem como atitude conseqüente comunicar o que aprenderam e as perspectivas percebidas sobre o assunto, o que contribui no fortalecimento e enriquecimento de sua área de estudo. O sujeito informacional pode realizar essa comunicação em artigos científicos, aulas, congressos, trocas causais com seus pares, não importa o meio, e sim comunicar seus aprendizados.

Como dito anteriormente, para que essa informação se transforme em conhecimento, bem como inquiete os sujeitos a ponto de eles sentirem necessidade de comunicar suas percepções com outrem, é preciso haver apropriação. De acordo com Gomes (2019, p. 16), a apropriação da informação é o “[...] sustentáculo do processo de conscientização, de domínio

do conhecimento e de exercício da crítica, elementos essenciais à constituição do sujeito protagonista”. Desse modo, entende-se que a informação tem de alcançar o sujeito, movendo as suas certezas e o fazendo se questionar qual seu papel nesse processo informacional.

No que tange a esse processo, acredita-se que, além da disponibilidade do sujeito em ser afetado pela informação, é fundamental também a presença de mediadores, atividades e dispositivos informacionais que envolvam o sujeito e criem a ambiência necessária para que eles possam acessar e se apropriar da informação. Assim, alcança-se o primeiro entrelace desta comunicação, é preciso falar sobre a mediação da informação.

A mediação é uma ação intrínseca do bibliotecário, entre outros profissionais da informação, possibilitando o intermédio da informação com o sujeito que dela precisa. Porém, não é uma ação mecânica, mas sim consciente, na qual o profissional compreende as necessidades do sujeito e medeia esse encontro dele com a informação que vai contribuir para sua atuação social. Almeida Júnior (2015, p. 25) assevera que mediação da informação é:

Toda ação de interferência – realizada em processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação da informação que satisfaça parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais.

Mediante o exposto, percebe-se que o autor destaca uma série de categorias essenciais da mediação da informação que devem ser alcançadas e desenvolvidas pelos mediadores, a fim de que os sujeitos experienciem a efetividade dessa ação. Para exemplificar, reflete-se sobre a mediação singular da informação que proporciona uma resposta ao sujeito consoante as suas individualidades. Já a ação plural da mediação da informação possibilita que, além de levar em consideração o que representa esse sujeito enquanto ser social, também é preciso observar as características que o identificam e definem na coletividade que ele integra.

Diante do exposto, nota-se que a mediação da informação é uma ação na qual as necessidades informacionais dos sujeitos são consideradas a partir de aspectos singulares e plurais, que os constituem nos diferentes contextos sociais a que fazem parte. Trazer à baila essa perspectiva favorece também que os mediadores realizem intervenções conscientes e efetivas, de modo a desestabilizar e mobilizar os sujeitos a ponto de sempre se questionarem sobre seus saberes e buscarem mais. Possibilitando não só que exista a apropriação da

informação, como ela também adquira o estado de compartilhamento citado por Gomes (2020) e de certo modo reafirmado por Le Coadic (1996).

Dando prosseguimento a esse panorama da mediação da informação como fundamento que orienta as ações informacionais, Gomes (2016, 2020) em suas reflexões também apresenta dimensões que a ação mediadora precisa alcançar para a transformação do sujeito, sendo elas: a dialógica, a estética, a formativa, a ética e a política.

A dimensão dialógica da mediação da informação reforça a necessidade de uma mediação consciente, na qual, por meio de um processo dialógico efetivo, será possível construir as interlocuções inter e intrassubjetivas, que permitem, por meio da relação com o outro, estabelecer associações do que está sendo trabalhado na ação, com vivências e leituras anteriores.

Já a dimensão estética da mediação da informação refere-se à disponibilidade e entrega dos sujeitos em conhecer melhor a si e o outro. Desfrutando de um sentimento de pertença e de construção da ação mediadora com o mediador, estimulando o pensamento crítico e autoconhecimento. Associada a essa dimensão, tem-se também a dimensão formativa da mediação da informação, que de acordo com Gomes (2016), ocorre quando a ação mediadora promove as condições necessárias para que os sujeitos redimensionem seus conhecimentos, saberes e perspectivas.

Ao refletir que a efetividade da mediação da informação demanda um acolhimento e um espaço livre de censuras para o exercício crítico. É preciso falar sobre a dimensão ética da mediação da informação, que traz o cuidado para que os sujeitos possam expressar seus questionamentos, como também o respeito com as singularidades que caracterizam esse ser social e permeiam as suas reflexões.

Por fim, a transformação do sujeito advém da ação mediadora atingir todas as dimensões citadas anteriormente, permitindo que o sujeito entenda seu lugar de fala e o poder que tem de mudar a si, o outro e o contexto social. Segundo Gomes (2016, 2020), essa percepção caracteriza o alcance da dimensão política da mediação da informação, que é justamente essa possibilidade que o mediador tem de agir com consciência e favorecer que o sujeito também possua tal conduta, intervindo na realidade. Assim, nota-se que o alcance das dimensões da mediação da informação defendidas pela autora permite um processo de autoconhecimento e desenvolvimento do sujeito, ele não só tem acesso à informação, mas, por meio de ação efetiva, ele se emancipa e contribui para que outros também possam.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

Ainda tendo como base os estudos de Gomes (2024), ela reflete que a mediação da informação é o fundamento que orienta as ações e destaca o trabalho com a informação. Desse modo, apesar de a informação ser uma instância essencial para os sujeitos, a notoriedade dessa ação só ganha destaque quando ocorre uma mediação consciente, que possibilita o ressignificar do sujeito e daquilo que ele conhece. A partir desse momento, acredita-se que o sujeito não é mais o mesmo, ele possui um novo olhar para seu agir e para o meio que o cerca, tornando-se um sujeito que reconhece a importância e potência da sua voz. Ou seja, o sujeito torna-se um protagonista social que reage e interfere, tendo em vista o melhor não só para ele, mas para todos que partilham do mesmo contexto social.

Para que isso seja possível, ressalta-se a importância de que sujeito e mediador partilhem de uma relação de companheirismo e confiança, visando o desenvolvimento do pensamento crítico, mas também da liberdade de intervir e compartilhar aquilo que a informação lhe desperta e as reflexões que promove. Sob tal perspectiva, Gomes (2014) relaciona a mediação da informação ao ato de cuidar.

O aspecto do cuidado advém da importância do bem-estar emocional do sujeito durante a ação mediadora, proporcionando acolhimento e segurança para expressar o que sente e as sensações que experimenta durante a atividade. Essa entrega do sujeito é fundamental em seu processo de ressignificação por meio da informação, uma vez que essa confiança significa que esse sujeito está aberto a novas possibilidades e a repensar o seu próprio agir. Nesse sentido, destaca-se a importância do mediador possuir um agir ético e sensível com o sujeito, de modo que não o censure ou deixe as suas crenças influenciarem em suas intervenções, favorecendo assim o processo formativo e político do sujeito. Gomes (2014) ainda ressalta a necessidade de que existam pesquisas na Ciência da Informação que relacionem a mediação da informação ao ato de cuidar e seus aspectos psicológicos, éticos e estéticos. Para responder a tal provocação, aproxima-se do segundo entrelace desta comunicação, a biblioterapia.

Ao recorrer à literatura da temática, observa-se que os indícios apontam para seu início em diferentes épocas. No Egito Antigo, na época do Faraó Ramssés II, existia a frase “Remédios para a alma” no frontispício de sua biblioteca. Para os romanos, *Aulus Cornelius Celsus* era o responsável por disseminar a leitura como modalidade terapêutica (Alves, 1982). Já nos Estados Unidos, a biblioterapia teve seu início com *Benjamin Rush*, em 1800, quando ele indicou a leitura como subsídio para o desenvolvimento da psicoterapia em seu livro

Medical inquiries and observations upon the diseases of the mind (Alves, 1982). No Brasil, estima-se que a consolidação dos estudos sobre a biblioterapia começou em 2001, com a publicação dos trabalhos de Clarice Fortkamp Caldin. Desse modo, apesar de não datar de um único período, é possível perceber que há muito tempo se discute sobre os benefícios terapêuticos que a leitura carrega.

No que se refere ao que significa biblioterapia, é possível também encontrar diferentes conceitos na literatura, podendo ser compreendida como uma ação que oferece subsídio para que os sujeitos reflitam, expressem e solucionem aquilo que lhes angustia. Amparando-os em sua busca por uma transformação individual, mas que também pode ocasionar impactos na forma como o sujeito percebe o seu meio social. Também é possível recuperar na literatura sobre a biblioterapia que o termo começou a ser utilizado na primeira metade do século XIX, por médicos americanos que associavam a biblioteca a ações terapêuticas (Pereira, 1996). Porém, também se encontra a versão de que o termo teria sido criado por Samuel McChord Crothers, ministro unitário americano, que utilizou o termo no seu artigo intitulado *A literary clinic*, publicado em 1916. O artigo aborda um fictício “Instituto Bibliopático”, dirigido pelo Doutor Bagster, que prescrevia livros para seus pacientes restaurarem a harmonia e o equilíbrio da vida (Wootton, 2017).

Para a discussão proposta neste estudo, o conceito adotado é que a biblioterapia é uma mediação especializada da leitura, desenvolvida de modo multidisciplinar, pressupondo cuidado e atenção com os sujeitos, tanto mediador quanto leitor, visto que essa ação possui intencionalidade e propósito terapêutico.

Assim, acredita-se que a biblioterapia contribui para que o sujeito adentre em um processo de autoconhecimento, compreendendo melhor seus limites, reações e sentimentos. Possibilitando que, nesse processo de (re)conhecer a si, o sujeito também possa (re)conhecer o outro e o meio social que os cerca por outro olhar e postura.

Diante do que foi discutido, percebe-se que o entrelace temático proposto nesta comunicação contribui para a emancipação e fortalecimento do sujeito, seja pela inquietação que o novo pode trazer ou pelo cuidado para que esse novo conhecimento esteja consoante às suas singularidades, visando a sua ressignificação enquanto ser social. Desse modo, nota-se que a biblioterapia pode ser entendida como uma ação informacional e afetiva que mobiliza os sujeitos em seu íntimo, proporcionando um reconhecimento de si, do outro e do coletivo.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico é fundamental para que a comunicação alcance o objetivo proposto para a sua realização. Desse modo, compreende-se que este é um estudo descritivo, que adotou o método bibliográfico, uma vez que se objetiva evidenciar os vestígios na literatura da Ciência da Informação, que caracterizam a biblioterapia como uma ação informacional.

No que tange à coleta de dados, os textos bibliográficos selecionados para a análise foram de diferentes tipos de fontes de informação nacionais e internacionais, a saber: artigos científicos; trabalhos de eventos; teses e dissertações. Ressalta-se que a apresentação dos resultados obedece a uma ordem cronológica em que se identificaram os conceitos de biblioterapia perpassados pelo valor informacional ao longo do tempo. Para identificar e analisar os indícios de que a biblioterapia é uma ação informacional, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo e a abordagem qualitativa que permitem inferir sobre a subjetividade do texto, indo para além do que está dado como mensagem.

4 VESTÍGIOS INFORMACIONAIS DA BIBLIOTERAPIA

Antes de trazer a análise dos conceitos e as relações que puderam ser estabelecidas, esclarece-se que a percepção será apresentada de modo cronológico para demonstrar que os indícios que apontam para a biblioterapia enquanto uma ação informacional não data de mudanças recentes, conforme o avanço e desenvolvimento da temática dentro da Ciência da Informação, mas que estavam ali, de modo subjetivo e talvez encobertos pela percepção do cuidado que ainda é tão marcante ao se referir à ação.

Para iniciar a discussão, é preciso refletir que o desenvolvimento da biblioterapia deve ocorrer de modo consciente. Nesse sentido, estabelece-se uma relação com as categorias da mediação da informação percebidas no conceito de Almeida Júnior (2015). O primeiro conceito traz características referentes à ação consciente da mediação da informação. Tendo como base os estudos do referido autor, pode-se refletir que nessa categoria existe a essencialidade do mediador possuir um agir consciente, de modo a conduzir o sujeito em seu processo de reflexão crítica e autoconhecimento.

Esses indícios puderam ser notados no conceito de Shrodes (1949, p. 32 *apud* Silva, 2017, p. 24), em que ela entende a “[...] biblioterapia [como] um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as

emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo”. O discurso apresentado pela autora permite compreender que a conscientização dos mediadores e dos sujeitos implicados na biblioterapia é essencial, uma vez que, ao agir de forma consciente e incentivar o sujeito a adotar essa conduta, os profissionais favorecerão para que ele busque em suas emoções a força impulsionadora de que necessita para resolver o que lhe aflige.

Nesse sentido, também é preciso considerar que os mediadores devem identificar quais necessidades os sujeitos apresentam, bem como contribuir para que eles também possam refletir e entender suas próprias demandas. Desse modo, a próxima categoria rememorada é a necessidade informacional, presente no conceito de Almeida Júnior (2015).

Para exemplificar, apresenta-se o conceito de Ratton (1975) que defende que “A biblioterapia é a seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura e avaliação dos resultados”. Ao refletir sobre a biblioterapia por essa percepção, acredita-se que os mediadores contribuirão para suprir as necessidades dos sujeitos por meio da informação. Para tal, os mediadores terão como base as singularidades deles, a busca por respostas para suas inquietações e os interesses que permeiam o seu contexto sociocultural. Assim, ao apoiar os sujeitos para suprirem essas demandas informacionais, os mediadores também contribuirão para ampliar a perspectiva e gerar novos interesses e buscas por informações.

Observa-se que Ratton (1975) ainda faz referência à necessidade que envolve o planejamento das atividades biblioterapêuticas, de modo a escolher os dispositivos e planejar a condução da ação mediadora para que atendam às demandas dos sujeitos. Nesse sentido, é importante também que os mediadores conheçam os sujeitos que participarão da ação, escutando com atenção aquilo que dizem, mas também o que não falam, mas demonstram por meio de seus gestos e olhares. Tendo em vista esses aspectos da necessidade informacional no desenvolvimento da biblioterapia, permitem que seu desenvolvimento seja realizado de modo efetivo, proporcionando a mudança de postura ou perspectiva que o sujeito almeja.

Como observado anteriormente na reflexão de Gomes (2019), a apropriação da informação é um ponto fundamental para que o sujeito transforme a informação a que teve acesso em conhecimento, sendo inquietado e afetado pela sua nova descoberta. Almeida Júnior (2015) também destaca essa categoria em seu conceito de mediação da informação. O conceito recuperado que apresenta esses vestígios é de Pinto (2005), no qual a autora percebe

que “No que se refere à biblioterapia, o mesmo diz que a leitura hoje possui uma visão além da decodificação de signos, ou seja, a leitura, a prática social que contempla a produção de sentidos e significados e essas concepções abrem espaço para a mesma”. Ter em consideração esse aspecto exige que os mediadores atuem de forma cuidadosa e ética, amparando os sujeitos em um processo de reflexão e questionamento, ressignificando e atribuindo sentido às leituras consoante às subjetividades que os cercam em seus contextos socioculturais, leituras e experiências anteriores. Desse modo, ao passo que os mediadores estimulam que os sujeitos realizem esse exercício crítico, acredita-se que eles poderão se apropriar da informação que está sendo apresentada, sendo transformados por ela.

Nota-se que para essa transformação ser possível, o processo dialógico também é essencial, uma vez que é por meio dele que o sujeito pode estabelecer relação entre o que está sendo discutido no momento com suas vivências e experiências anteriores, tratam-se das interlocuções inter e intrassubjetivas. Desse modo, a próxima associação é com a dimensão dialógica da mediação da informação, defendida por Gomes (2016, 2020) e, para tal, exemplifica-se com o conceito de Leal (2009, p. 37 *apud* Santos; Marquez, 2017, p. 1593), que defende que a “[...] biblioterapia é uma forma de comunicação, que propicia trabalhar o emocional do paciente em parceria com o tratamento tradicional”. Tendo em vista as interlocuções que essa associação possibilita, compreende-se que no processo da biblioterapia, talvez a principal interlocução seja a intrassubjetiva, visto que quando o sujeito a alcança pode significar que está imerso em um processo de autorreflexão e do que está sendo desenvolvido na atividade mediadora. Ou seja, o sujeito está imerso em si, reencontrando-se, reinventando-se e, talvez, libertando-se de seus receios.

Dando prosseguimento à análise, percebe-se que, ao entender a biblioterapia como uma ação informacional, seu objeto de atuação é a informação, logo, isso possibilita que essa ação possa ser desenvolvida em diferentes lugares, não levando em consideração o espaço físico em que o sujeito se encontra. Essa perspectiva corresponde à categoria ambiência informacional, também acrescida à mediação da informação por Almeida Júnior (2015). O conceito que mostra tal indício é de Sousa, Santos e Ramos (2013, p. 3), eles acreditam que:

A biblioterapia é uma dinâmica que propicia a sociabilização, o conforto e a ajuda necessária para a resolução de problemas, perpassando também a aceitação da situação em que o leitor se encontra. Nesse caso, a biblioterapia pode ser aplicada em vários segmentos, tais como asilos, orfanatos, hospitais, clínicas psiquiátricas, presídios e outros. É aplicável a todas as pessoas.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

No conceito elaborado pelos autores, eles indicam que a ação pode ser desenvolvida em diversos espaços, como asilos, hospitais, clínicas psiquiátricas, presídios, etc. Ao considerar essa possibilidade, além de ressaltar que a biblioterapia pode ser desenvolvida para atender os mais diferentes sujeitos e problemas, sejam eles de cunho emocional ou social, os autores evidenciam também a possibilidade de o mediador atuar onde o sujeito está, independentemente do local. Ao agir dessa forma, compreende-se que os mediadores favorecem o processo de autodesenvolvimento, questionamento e reintegração do sujeito, uma vez que ele está em um espaço no qual está habituado, o que facilita o ganho de confiança na relação com os mediadores, traz conforto e prazer em participar das atividades biblioterapêuticas e favorece a inter-relação desse sujeito com o outro.

Outra associação com uma característica da mediação da informação que favorece a construção dessa relação de entrega do sujeito com o mediador e com os outros é a dimensão estética da mediação da informação, defendida por Gomes (2016, 2020). Quando a ação mediadora alcança essa dimensão, significa que o sujeito se sente pertencente ao processo mediador, desfrutando de uma sensação de confiança e prazer em estar ali. Para exemplificar essa relação, adotou-se o conceito de Reis (2016, p. 218), que defende: “A biblioterapia é um processo de cuidar dos indivíduos por intermédio da leitura de livros, frases e trechos de diversos gêneros textuais. Ela contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional”. Compreende-se que o alcance dessa dimensão durante a biblioterapia é essencial, pois permite que o sujeito acesse a sua vulnerabilidade ao partilhar o que sente, seus medos e problemas, sendo também uma escuta para o outro. Agindo dessa forma, o sujeito pode adquirir uma postura consciente para lidar com suas aflições, ao passo que também consegue visualizar novas perspectivas, que só é possível porque existe um processo dialógico acolhedor entre todos envolvidos na ação.

Proporcionar essa segurança e acolhimento para o sujeito, visando seu bem-estar emocional e entrega às atividades biblioterapêuticas, facilita a efetividade da ação mediadora, mas também rememora o ato de cuidar da mediação da informação indicado por Gomes (2014). O conceito associado dessa vez para trazer tais indícios é de Sousa e Caldin (2017, p. 2951), que asseveram:

A biblioterapia configura-se como um campo de estudo interdisciplinar dentro da Ciência da Informação com um viés humano e social. Nesse sentido, preocupa-se com o ser humano e confere lugar de destaque às histórias no cuidado e na busca do equilíbrio de leitores, ouvintes ou espectadores.

Optou-se por deixar esse aspecto por último, uma vez que todos os conceitos que trazem referência direta ao cuidado são mais recentes. Apesar de existir um critério de intencionalidade cronológica adotado nesta comunicação, infere-se que esse resultado percebido por meio da leitura dos textos, demonstra que existe um avanço nas percepções curativas acerca da ação. O que não significa que autores que foram pioneiros nos estudos sobre a biblioterapia não abordavam tal característica, mas sim que agora esse se torna um fato marcante dentre outros elementos que compõem a ação.

Através do conceito das autoras escolhidas para demonstrar esse indício, é possível perceber que a biblioterapia é o cuidado com o ser humano por meio da leitura, demonstrando que a ação também favorece o entendimento e o encontro do sujeito com a sua humanidade e a vulnerabilidade, bem como permite que haja esse olhar também para o outro.

Compreende-se também que, para além da perspectiva do cuidado, a mediação da informação relembra que o sujeito participante da biblioterapia também deve ser visto pela percepção informacional. A análise a partir dos conceitos apresentados mostra que existe uma implicação terapêutica e um cuidado presentes em quase todas as reflexões, no entanto, também é possível observar aspectos que ressaltam o ponto de vista informacional. Quando se fala sobre a seleção dos dispositivos utilizados; do diálogo necessário para interpretação, compreensão e apropriação da informação; da importância da ambiência na construção de um laço de confiança; e no próprio cuidado e relação com o outro. Todas essas características permeiam e fundamentam a biblioterapia e, como pôde ser observado, são advindas da mediação da informação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, refletir que a biblioterapia e a mediação da informação se aproximam nesse “cuidado” com o sujeito é indispensável. É por meio da interação proporcionada pelas atividades biblioterapêuticas, fundamentadas nas características que envolvem a mediação da informação e suas dimensões, que existe o despertar de sentimentos, a identificação com o outro e com os dispositivos informacionais, em prol de um processo de (re)conhecimento e autodesenvolvimento. Favorecer esse processo requer dos mediadores empatia, dedicação e ética, uma vez que esses profissionais são os responsáveis

por criar uma ambiência que contribua para esse partilhar de experiências, porquanto, embora a biblioterapia tenha como pilar essencial a emoção, os sujeitos que participam da ação mediadora têm acesso às informações, e as transformações que se esperam deles também estão implicadas pela alteridade e pela consciência da importância dos seus atos e lugar de fala.

Destaca-se que as categorias apresentadas, advindas da fundamentação da mediação da informação e suas dimensões, entrelaçadas à biblioterapia, constituem-se no que acredita ser os pilares para um desenvolvimento baseado na informação, com viés terapêutico. Dessa maneira, a conscientização, a busca por suprir a necessidade informacional, a apropriação da informação, a dimensão dialógica, a ambiência informacional, a dimensão estética e o ato de cuidar revelam aspectos essenciais para a efetivação das ações biblioterapêuticas, com o agir mediador por meio do caráter informacional.

Ressalta-se ainda que, ao analisar os conceitos de biblioterapia, pode-se confirmar o entrelace das ações mediadoras, uma vez que puderam ser percebidos indícios que apontam para essa relação, desde o primeiro conceito referente ao ano de 1943. Essa percepção mostra a necessidade de aprofundar nos estudos de biblioterapia esse olhar informacional sobre o sujeito, como motivação e razão para as atividades, mas também na própria ação, que em sua fundamentação apresenta características multidisciplinares, reforçando com isso a importância do seu desenvolvimento de forma consciente e a partir de uma equipe que possua competências diversas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (org.).

Mediação oral da informação e da leitura. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social.

Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, São Paulo, v. 15, n. 1-2, p. 54-61, jan./jun. 1982. Disponível em:

<https://brapci.inf.br/index.php/article/download/18372#:~:text=Na%20psiquiatria%20a%20biblioterapia%20%C3%A9,ganizados%20simultaneamente%20%C3%A0%20psicoterapia%20Opia>. Acesso em: 19 mar. 2025.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014.

Disponível em:

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994/19090>. Acesso em: 25 mar. 2025.

GOMES, Henriette Ferreira. Comunicação e informação: relações dúbias, complexas e intrínsecas. *In*: MORIGI, Valdir; JACKS, Nilda; GOLIN, Cida (org.). **Epistemologias, comunicação e informação**. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 91-107.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-23, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047>. Acesso em: 28 mar. 2025.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediador da informação como intelectual orgânico: uma perspectiva gramsciana. **Ofaj**. Marília, SP, maio 2024. Disponível em: https://www.ofaj.com.br/pesquisa_conteudo.php?cod=1529. Acesso em: 6 jan. 2025.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 10-21, mar./ago. 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>. Acesso em: 9 abr. 2025.

INFORMAÇÃO. *In*: HOUAISS: dicionário brasileiro de língua portuguesa. São Paulo: UOL, 2025. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaission/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#2. Acesso em: 6 jan. 2025.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: UFPB, 1996.

PINTO, Virginia Bentes. A biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário. **Transinformação**, Campinas, SP, n. 17, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/TGh75RBZcCN8nTwF8FBjkkL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 abr. 2025.

RATTON, Angela Maria Lima. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 198-214, set. 1975. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reb/article/view/36171>. Acesso em: 9 abr. 2025.

REIS, Meire Barra Rosa. Biblioterapia e a mediação de textos na escola e no consultório. *In*: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2016, Londrina. **Anais eletrônicos** [...]. Londrina: UEL, 2016. p. 1-12. Disponível em: <https://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2016/secin2016/paper/viewFile/330/162>. Acesso em: 9 abr. 2025.

XXV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - XXV ENANCIB
Rio de Janeiro, RJ - 03 a 07 de novembro de 2025

SANTOS, Maryse Azevedo dos; MARQUEZ, Suely Oliveira Moraes. Biblioterapia: a contribuição da biblioterapia no tratamento de pacientes internados em unidades hospitalares. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, São Carlos. **Anais eletrônicos** [...]. São Carlos: FEBAB, 2017. P. 1588-1609. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/774/897>. Acesso em: 08 jan. 2026.

SILVA, Carla Sousa da. **Biblioterapia no Brasil e na Polônia**: distância e aproximações a partir da literatura científica. 2017. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/179007/348753.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 jan. 2026.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia aplicada com estudantes de Biblioteconomia da UFSC: uma vivência terapêutica com histórias. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17, 2017, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: UFBA, 2017. P. 2950-2965. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/191042>. Acesso em: 08 jan. 2026.

SOUSA, Thais Caroline da Silva; SANTOS, Andréa Pereira dos; RAMOS, Rubem Borges Teixeira. Ações e projetos de biblioterapia: uma revisão de literatura brasileira. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2019/article/view/1500/1501>. Acesso em: 9 abr. 2025.

WOOTTON, Sue. Bibliotherapy: a cure for bigotry?. **Corpus**, New Zealand, 2017. Disponível em: <https://corpus.nz/bibliotherapy-cure-bigotry/>. Acesso em: 23 jan. 2025.